

ESTE MAR QUE NOS UNE E SEPARA

Se considerarmos as últimas intervenções públicas de deputados, quer à Assembleia regional, quer à Assembleia nacional, não parece haver um interesse por aí além em alterar a política e o sistema de transporte de carga marítima para e entre as ilhas. O plenário açoriano havia deliberado no sentido de encomendar um estudo sobre a matéria, mas, tendo o assunto baixado à Comissão de Economia para que esta definisse as diligências, percebeu-se que, porventura o paradigma aceitável não andarão muito longe do modelo atual. Ouvir os armadores, com especial ênfase os grandes da cabotagem insular, mas também os pequenos do tráfego local e, já agora, os Conselhos de Ilha, a Câmara do Comércio e as federações agrícola e das pescas, sem esquecer, obviamente, de ouvir também o Governo. Houve mesmo deputados a alvitar que pareceres haverá que não alterarão as versões enviadas há três anos, quando um estudo semelhante esteve em cima da mesa, até porque a realidade no terreno não se alterou nesse espaço de tempo. Quanto aos deputados à República, pela boca do PSD, acabam de apresentar uma iniciativa legislativa que visa assegurar que "o preço final do frete de um contentor para o cliente deverá ser idêntico para todas as ilhas dos Açores". De acordo com o deputado Paulo Moniz "no caso da carga contentorizada, será utilizado como

referencial o melhor preço praticado na data para a ilha de São Miguel. No caso da carga geral ou carga fracionada interilhas, será utilizado como referencial o melhor preço praticado entre duas quaisquer ilhas. O diferencial dos preços resultante de e para as restantes ilhas deverá ser suportado pelo Estado" que transferirá, anualmente, para a Região, dez milhões de euros. A proposta parece-nos benigna, por querer baixar o frete, tendo como referência Lisboa/S. Miguel, mas pressupõe que o sistema atual é para manter. Acresce que a obrigatoriedade da prática do mesmo frete, para a mesma mercadoria, independentemente do porto ou ilha a que se destine, faz parte do regime especial de transportes em vigor. No nosso entender, do que os Açores precisam é de um sistema novo que liberalize o transporte entre o continente e a Região e se encontre um modelo regular, eficaz e económico para o transporte interilhas. No final, pretende-se a prática de um preço uniforme, seja por intervenção direta do governo, seja através de um fundo para onde seria vertida uma taxa sobre o transporte entre o continente e a Região. O objetivo é todos pagarem por contentor o mesmo preço e, uma vez que o sistema seria mais eficiente, o custo final baixaria significativamente. É complicado? Talvez, mas está estudado. É só ter coragem de o pôr em prática. ■

JÚLIO ROCHA [10]

A saga da Casa do Outeiro

"A Casa do Outeiro, situada numa colina sobranceira à baía da Praia, é um dos solares mais bonitos da ilha Terceira. A sua história dava uma novela, mas eu, aqui, só posso contar umas dúzias de linhas daqueles enredos."

MANUEL TOMÁS [11]

Estupidez e racismos

"És de má raça, dizia-me a minha mãe quando eu fazia uma asneira das grandes, como fumar às escondidas com o meu primo mais velho; ou queimar os morcegos que moravam no moinho; ou cair e rachar a cabeça pela enésima vez..."

JORGE BRUNO, DIRETOR DO MUSEU DE ANGRA

"Novo tempo pandémico" na génese de exposição

O Museu de Angra do Heroísmo perdeu 73% de visitantes, em 2020, devido à pandemia da covid-19. Jorge Bruno, diretor da instituição, aborda os motivos que levam a uma exposição sobre o tema.

O MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO INAUGURA, AMANHÃ, SÁBADO, 10 DE ABRIL, A EXPOSIÇÃO "A ILHA TERCEIRA EM TEMPOS DE PESTE...". O QUE SE PODERÁ VER NESSA MOSTRA?

Este novo tempo pandémico, a que todos fomos e estamos ainda sujeitos, suscitou ao Museu de Angra do Heroísmo (MAH) a oportunidade de propor, através desta exposição, uma revisitação e reflexão sobre as epidemias que ao longo dos séculos, quase desde o seu povoamento até ao presente, assolaram a Ilha Terceira.

Realizámos esta exposição no entendimento daquilo que é a nossa missão de envolver o público na exploração da Cultura, da Ciência e da Natureza, não só numa perspetiva sobre o passado, como também numa leitura e observação sobre o tempo presente.

Através desta exposição pretendemos também deixar uma palavra

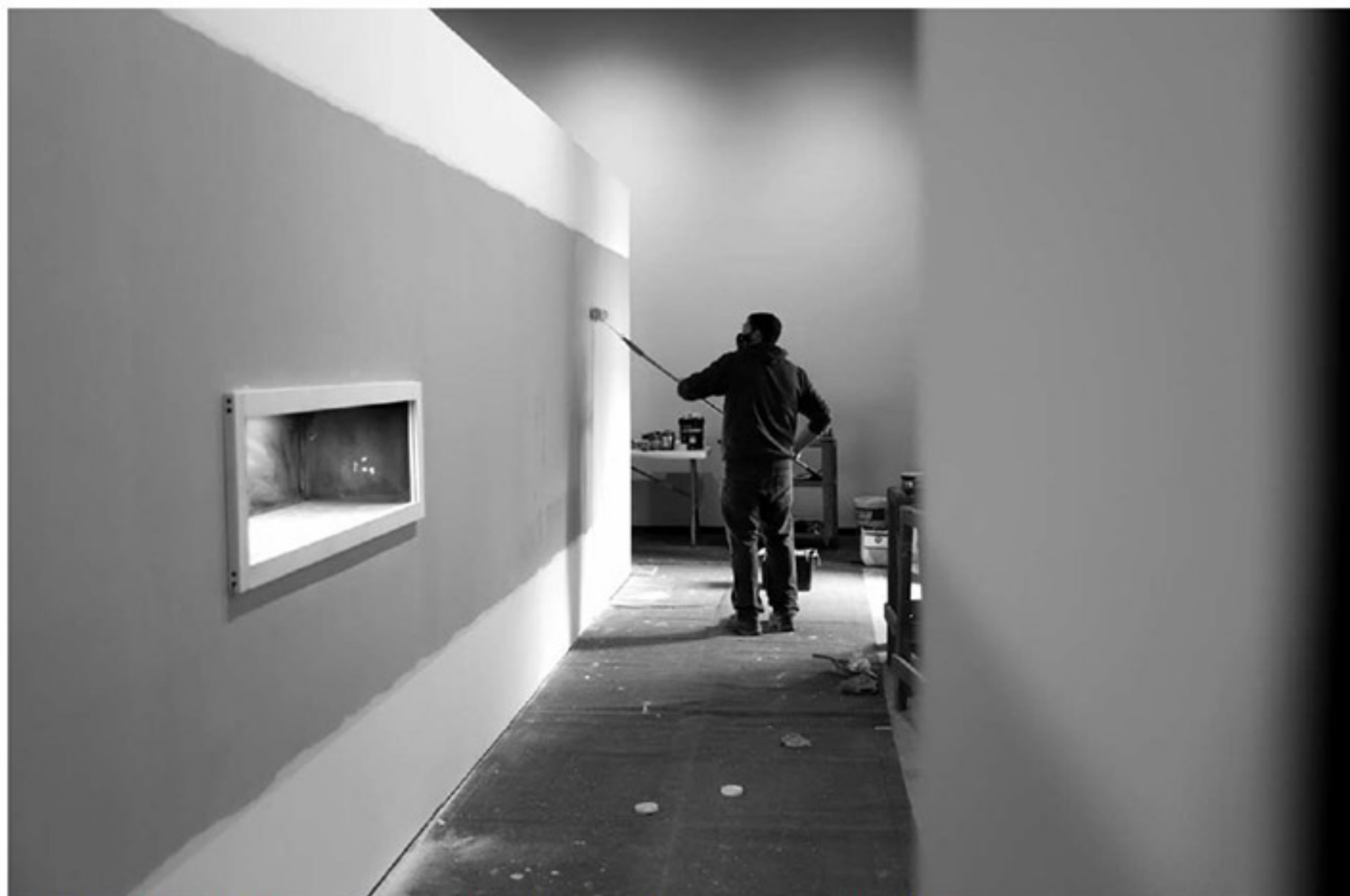
de reconhecimento ao dedicá-la a todos os profissionais de saúde que estiveram e estão, tanto na linha da frente como na retaguarda, na luta contra este inimigo, invisível, que conhecemos pela designação de SARS-CoV-2, ou, mais comumente, covid-19.

APESAR DO SEU ISOLAMENTO, A ILHA TERCEIRA TAMBÉM TEM SIDO AFETADA POR EPIDEMIAS AO LONGO DO TEMPO. QUAIS FORAM OS EFEITOS DESSAS SITUAÇÕES?

Os vírus não conhecem fronteiras. Mesmo as regiões e os locais mais isolados não estão isentos, mercê da circulação das pessoas ou dos animais. Os efeitos das epidemias têm reflexos diretos na saúde das populações e indiretos na economia das sociedades. Numa situação pandémica, como a que assistimos no presente, todos esses efeitos são sobremaneira violentos, quer ao ní-



JORGE BRUNO "Os vírus não conhecem fronteiras"



MONTAGEM DE EXPOSIÇÃO "A Ilha Terceira em Tempos de Peste..." aborda as epidemias que ocorreram ao longo dos tempos

vel do número de mortos quer ao nível das consequências devastadoras na economia.

CONSIDERA QUE AS PANDEMIAS COMO A COVID-19 SERÃO UMA REALIDADE QUE A HUMANIDADE TERÁ QUE SE CONFRONTAR NUM FUTURO PRÓXIMO COM ALGUMA REGULARIDADE?

A dimensão cíclica e recorrente das epidemias, salientada nesta exposição, deve levar-nos a concluir que muito do que hoje nos preocupa e condiciona e muitos dos procedimentos que tivemos de adotar não são inéditos. Tal facto não nos pode tranquilizar, nem nos fazer esquecer que uma epidemia como a que nos assola no presente poderá repetir-se no futuro.

Porém, nada disto deve ser entendido sem uma palavra de esperança, como a História nos ensina, de que venceremos, em cada tempo, as adversidades e os constrangimentos.

Muito do que aprendemos hoje são pontes para próximos confrontos entre o Homem e a Natureza.

**DE QUE MODO É QUE A ATUAL PANDE-
MIA DA COVID-19 TEM CONDICIONADO
A ATIVIDADE DO MUSEU DE ANGRA DO
HEROÍSMO?**

O contexto desta nova situação, provocou uma circunstância que afetou o normal funcionamento da instituição, bem como, o fluxo de públicos, este claramente visível no decréscimo do número de visitantes, que se revelou em 2020 na cifra de menos 73,37% do que em relação ao ano de 2019, contrariando, significativamente, deste modo, o positivo esforço de recuperação e incrementação do número de visitantes que vinha sendo desenvolvido através várias estratégias das atividades do Museu de Angra do Heroísmo.

Noutros nveis, o MAH adaptou-se

a este tempo procurando reverter e minimizar os efeitos ao nível do seu funcionamento. Incrementámos uma presença nas redes sociais (Facebook e Instagram) como meio de não perder o contacto com o público, cujos resultados têm sido, desde logo, muito generosos, porque estamos a chegar a novos públicos. Esta ação tem na sua retaguarda a criação dos respetivos conteúdos que resultam de uma investigação mais aturada sobre o espólio da instituição, tarefa que cabe aos seus técnicos superiores gestores das suas várias coleções.

Entretanto, com a inauguração desta exposição, intitulada "A Ilha Terceira em Tempos de Peste...", que ocorrerá amanhã, sábado, dia 10, pelas 15 horas, e que integra uma conferência pelo Dr. João Neto, Diretor do Museu da Farmácia e Presidente da APOM

(Associação Portuguesa de Museologia), sobre o tema "Pandemias e Políticas ao Longo da História", e que será transmitida em direto pela estação televisiva VITEC e no FaceBook do MAH, abre-se um novo ciclo e uma nova dinâmica que se complementa, neste segundo trimestre do corrente ano, com a inauguração de uma outra exposição no dia 24 de abril. Esta será uma instalação artística que tem por inspiração os extremófilos que habitam as fontes termais submarinas dos Açores.

Em torno destas exposições vão ser desenvolvidas várias atividades de dinamização socioeducativa no contexto daquela que é a missão do Museu de Angra do Heroísmo. Tudo isto ocorrerá, naturalmente, se as normas imanadas pela Autoridade de Saúde o permitirem, exigindo-se sempre ao público visitante o seu rigoroso cumprimento. ■